



COABITAR



**Memória Descritiva, 2013
Catarina Botelho
Portugal**

Proposta curatorial

Camila Nader e Stella Tennenbaum

RESUMO

Coabitar significa habitar ou morar com alguém; dividir o mesmo espaço físico com propósito de moradia. A escolha do título-tema para esta proposta curatorial se justifica a partir da observação da experiência humana em **coabitar**, desde a gestação até a morte, os mesmos espaços físicos e simbólicos que outros indivíduos. Não estamos sozinhos neste planeta e jamais estaremos, na medida em que o coabitamos, dividindo espaço com outras formas de vida e ocupamos uma escala de participação proporcional ao todo que compõe este conjunto.

Sob o mote da reconstrução, oferecemos a ideia de que em um momento tão específico da experiência humana, onde as relações e o contato social foram suspensos como medida de contenção do avanço da pandemia, as formas de **coabitar** precisam ser revistas e reconstruídas. E para este processo convidamos o público da 13a. Bienal Internacional de Arquitetura a uma participação mais próxima do que em outras edições, e em diálogo com diferentes áreas, vivências e olhares, para se tornarem agentes deste processo que começa agora.

Acreditamos que a arquitetura, assim como o **coabitar**, ultrapassa as estruturas e coexiste em diferentes formas e expressões e, nesse sentido, essa curadoria dialoga com uma pluralidade de sentidos e compreensões para se debruçar sobre a vida em conjunto.



Loft Press, Nova Iorque
Gordon Matta-Clark, 1974

PROPOSTA CURATORIAL

A experiência em elaborar uma proposta curatorial para a 13a. Bienal de Arquitetura em um momento histórico marcado pela pandemia e por um conturbado cenário político, se revela como um convite à reflexão e à revisão de conceitos, modos e sentidos de **coabitar**. São convidados arquitetos, urbanistas, artistas, intelectuais e agentes culturais, além do público geral da mostra, a revisitar espaços privados e públicos a partir de um novo olhar e com a abertura necessária para a formulação crítica – elemento fundamental na construção de novas narrativas para o futuro. Esse novo olhar se estrutura a partir da experiência recente, oferecida pelas circunstâncias do isolamento social e suas consequências.

O uso do termo narrativas, no plural, tem um sentido duplo nesta proposta. Em parte porque não se espera formular uma narrativa única sobre um futuro possível mas, também, pela lembrança de que o futuro exige o acolhimento de uma pluralidade de sentidos, existências, identidades e realidades; compreensão essencial para a jornada que propomos sobre o **coabitar** e que percorre também as três matrizes teóricas utilizadas: a história, a arte e a arquitetura; compreendendo suas intersecções essenciais na percepção do sensível e buscando, assim, alcançar a esfera da macropolítica.

A história é introduzida a partir da crítica ao arrefecimento da produção científica nos últimos anos no Brasil e como elemento de resgate da memória. Sendo entendida como ferramenta essencial para a compreensão do presente, uma vez que este é o único tempo possível para sua produção, busca-se a recuperação no público visitante da Bienal de suas percepções enquanto agentes históricos, instrumentalizando-os para a observação do cotidiano e do meio urbano.

Para isso recupera-se o conceito de *flâneur*, discutido por Walter Benjamin, e assume-se que a cidade se torna também espaço expositivo da Bienal e, seu público, por meio da observação ativa do espaço urbano, passa a compreender-se enquanto sujeito da reconstrução e agente da transformação histórica. Subverte-se, desta forma, a distância entre o público e o espaço coletivo, sua noção de pertencimento, e a ocupação deste espaço, deixa de ser compreendida apenas a partir da especulação imobiliária.

Para esse modelo de *flâunerismo* contemporâneo aplicam-se dois exercícios. O primeiro busca ressignificar a noção do estar no espaço público urbano, levando em consideração a problemática da onipresença do tempo sobre o homem moderno, que altera sua conexão com o espaço, com a natureza e com a observação atenta e dedicada ao seu entorno, efeitos que são observados até a contemporaneidade. Para isso, são oferecidas propostas de observação e análise para o público da Bienal, alterando percursos comuns e provocando deslocamentos e rotas alternativas que provoquem a atenção a espaços urbanos encobertos pelo cotidiano ou afastados do centro da cidade. O segundo exercício é sobre alteridade: para quem a presença em estado de observação no espaço público é permitida? Quais espaços podem ser observados?

Após um cenário recente em que nos retiramos do convívio urbano como medida de contenção no número de mortes ocasionadas pela pandemia, a coabitação dos espaços públicos e coletivos foi alterada e suas dinâmicas de interação – considerando os recortes sociais que permitem essa mudança – foram transferidas para o espaço privado: o trabalho, o exercício físico, a escola e o museu. As zonas de organização de uma cidade, previstas por Le Corbusier em sua *Carta de Atenas*, são condensadas no espaço privado e, mais do que nunca, se tornam experiências circunscritas a uma pequena parcela da população.

Ao mesmo tempo, a experiência tradicional da moradia burguesa, associada ao lugar de descanso e conforto, ganha novos contornos e, com ela, também entram em xeque as experiências contemporâneas de coliving, repúblicas e moradias funcionais. O espaço doméstico foi evidenciado e a coabitação simbólica dessas novas funções em um mesmo espaço físico entra em crise, na mesma medida em que a casa se torna o remédio possível para o caos propagado pela pandemia.

Em outra perspectiva, moradias mínimas em regiões menos privilegiadas abrigam famílias em tempo integral durante a orientação de isolamento social. Não existe a possibilidade de separação física entre os espaços reservados para o descanso, o estudo, o trabalho e a manutenção da justa distância, necessária para a convivência afetuosa como Roland Barthes apresentará em suas conferências no excelente *Como Viver Junto*, já no final dos anos 70. O remédio, neste caso, carrega efeitos colaterais que denunciam estruturas sociais problemáticas e para os quais não existe uma posologia de segurança.

O **coabitar** se transforma em orientação oficial para a contenção de um vírus sobre o qual muito pouco se sabe e cujo risco de contágio evidencia a desigualdade nas formas de morar e habitar os espaços. A população em situação de rua, que convive em uma intersecção invisível entre o espaço público e o privado, sofre com o esvaziamento das ruas e a transição rápida da esfera da marginalização e invisibilidade para a imagem de párias sociais, em que sem o acesso aos recursos mínimos para a sua proteção, são identificados como propagadores do vírus, renovando a leitura estigmatizante de sua condição.

Ainda sobre invisibilidade, essa curadoria oferece também o olhar sobre o **coabitar** como sintoma do sistema carcerário, a partir da esfera punitivista e que infringe os direitos humanos e a dignidade dessa população. No Brasil a superlotação dos presídios chega a 200%, segundo dados divulgados pelo Ministério Público em agosto de 2019. Esses dados tomam proporções mais trágicas, considerando a quantidade de mortes dentro dos presídios registradas desde o início da pandemia, sem a possibilidade de distanciamento social.

Nesta proposta curatorial, programas e especialistas que discutem as condições do sistema carcerário são convidados a integrar as mesas apresentando discussões e soluções sobre os direitos de quem tem a liberdade tolhida pelo Estado, além das estratégias dentro do campo da arquitetura e design de espaços para a sua reintegração social.

Por fim, e talvez um dos elementos vitais para a discussão da jornada humana, fala-se sobre o **coabitar** como existência. Para refletirmos sobre a essência de existir em conjunto com a natureza, são convidadas vozes de civilizações que compreendem esta conexão como elemento intrínseco de nossa permanência neste planeta. Ailton Krenak, nas conferências que originaram *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, fala sobre um conceito pejorativo de sub-humanidade, atribuído às comunidades caiçaras, aborígenes e quilombolas, cuja existência está conectada à terra em contraponto ao que ele chama de “abstração civilizatória”, e que corresponde ao modo de vida ocidental e que lida tão mal com recursos naturais e com a preservação de espécies.

Na cosmologia de muitas civilizações indígenas, é possível perceber a conexão entre a humanidade e os elementos físicos, como a água, a terra, o ar, e as instruções para seu manejo no exercício antropocêntrico de criação. O esforço aqui é entendermos que a separação entre estas duas formas de vida, dentro da lógica de consumo desenfreado de recursos naturais, nos leva à extinção e é urgente aprendermos a **coabitar** este planeta. Para isso, são convidadas lideranças e intelectuais indígenas, que refletem sobre uma cosmovisão em que a humanidade esteja conectada aos elementos físicos deste planeta e o coabitar seja, na verdade, habitar em unidade este desdobramento frágil que é o existir.

PROGRAMA

Esta proposta curatorial apresenta o coabitar em diferentes linguagens que contemplam exposições, intervenções sob a forma de percursos urbanos e mesas de debate entre especialistas, gestores, comunidades e ativistas. Os eixos são propostos a partir de escalas relacionais, uma apropriação do recurso arquitetônico para tratar do âmbito de cada discussão, em que 1:1, é a escala entre indivíduos e pequenos grupos; 100:1 é a escala da superlotação; 1:1000, representa a escala das cartografias urbanas; 1:10 000 a cidade e, finalmente, 1:1 000 000 a relação com o planeta, tomando como recorte específico o continente americano.

Coabitar 1 : 1 - Casa

Coabitar 100 : 1 - Presídio

Coabitar 1 : 1000 - Cartografias Urbanas

Coabitar 1 : 10 000 - Cidade

Coabitar 1 : 1000 000 - Mundo

Serão abertas convocatórias artísticas a partir das escalas temáticas apresentadas acima, buscando selecionar obras e trabalhos que dialoguem com a intersecção entre o público e o privado, suas implicações políticas, as relações humanas presentes nestes espaços e/ou a problemática da coabitação enquanto sintoma social.

As propostas artísticas serão pré-selecionadas pelas equipes do IAB e curatorial, considerando o alinhamento aos temas propostos. Em seguida, propõe-se a abertura de uma votação online para a seleção dos trabalhos que serão expostos. A votação contará com uma apresentação da proposta e dos artistas e busca ampliar o contato do público com o processo de construção da 13a. Bienal. A apresentação será feita a partir da linha curatorial e optando por criar diálogos entre as noções de público e coletivo em dois espaços expositivos, situados em aparelhos culturais do eixo da Avenida Paulista.

Intervenção

Será selecionada uma proposta de intervenção urbana-artística a partir da abertura de convocatória. Estabelece-se que a intervenção deverá ser realizada em uma das regiões indicadas no edital e cobertas pelo projeto Pacto pelas Cidades Justas (Jardim Guarani, Jardim Pantanal, Jardim Pinheirinho D'água, Jardim Lapenna, Parque Novo Mundo), em diálogo com o espaço e buscando selecionar artistas residentes em uma das regiões.

Percursos urbanos

1:1000 - Cartografias urbanas

Em diálogo com a proposta de flaneurismo contemporâneo, sugere-se um percurso expositivo urbano em parceria com a Comunidade Cultural Quilombaque através do projeto Museu Territorial de Interesse da Cultura e da Paisagem TEKOA JOPO'Í, idealizado em parceria com a comunidade Guarani do Jaraguá, cujas rotas incluem pontos de interesse no bairro de Perus e Jaraguá recuperando percursos e discussões como a Trilha Ditadura Nunca Mais, que fala sobre a vala clandestina no Cemitério Dom Bosco; a Trilha de Reapropriação e Ressignificação de Espaços Públicos; entre outros percursos.

Mesas / Conferências / Debates

Seguindo a proposta de promover debates em torno da coabitação nos espaços públicos, privados e da interação com o meio ambiente, são propostas conferências a partir das temáticas de três escalas e com as seguintes sugestões de convidados a serem alinhados com o IAB.

Coabitar 100 : 1 - Violência Carcerária, arquitetura prisional e estratégias

Deanna Van Buren - Designing Justice + Designing Spaces; Drauzio Varella; Márcio Zamboni; Suzann Flávia Cordeiro de Lima.

Coabitar 1 : 10.000 - Arte e o espaço urbano

Maurício Dias - Dias&Riedweg; Catarina Botelho; Karola Braga; Marcius Galan; Agnaldo Farias.

Coabitar 1 : 10.000 - Urbanismo e o direito ao espaço urbano

Ermínia Maricato; Carmen Silva; Guilherme Boulos; Pacto pelas Cidades Justas; Instituto Polis; Jorge Melguizo.

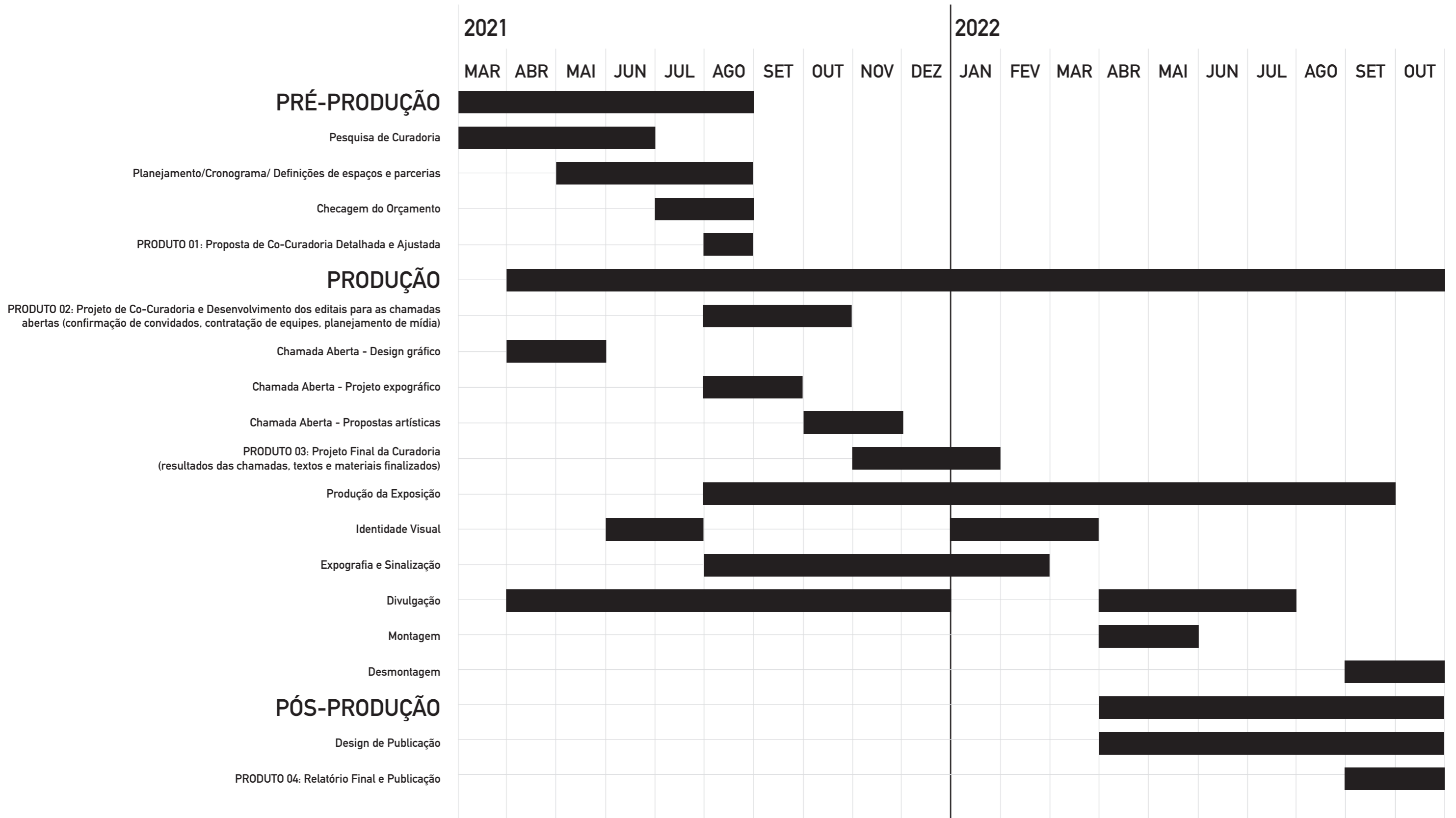
Coabitar 1 : 1.000 000 - Outras formas de coabitar o mundo

Davi Kopenawa Yanomami; Ailton Krenak; El Futuro Impossible; Carolina Sacconi - Grupo Fresta.

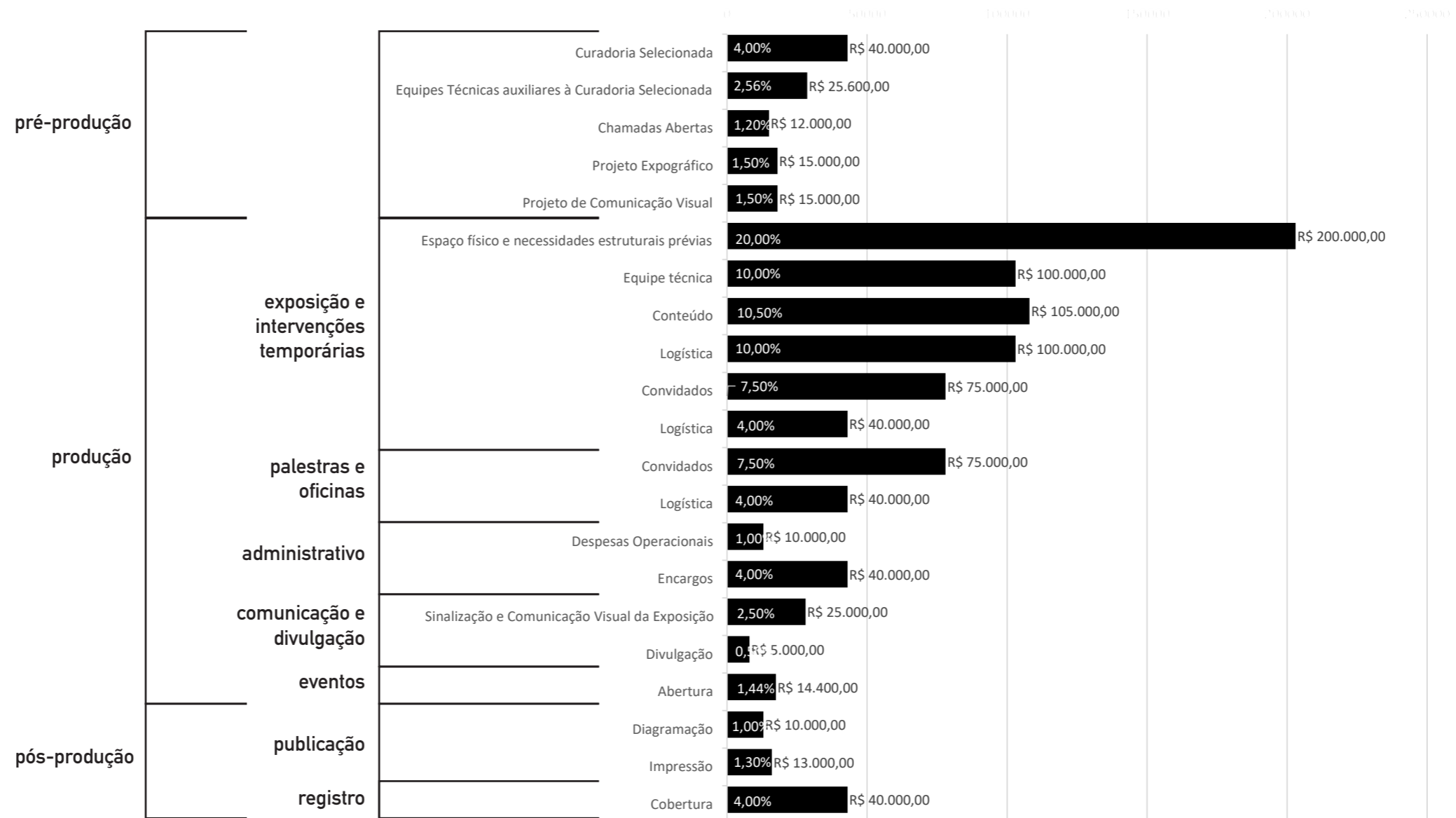


I went
On Kawara

CRONOGRAMA 13ª BIA - COABITAR



ORÇAMENTO 13ª BIA - COABITAR



1.1.1. Curadoria Selecionada

- 2 curadoras por 15 meses

2.4.1. Despesas Operacionais

- Compra de Materiais Diversos;
- Correio/Remessas;
- Motoboy;
- Transporte das Equipes

2.4.2. Encargos

- Taxas e impostos;
- Alvarás, certificados, laudos, liberações, etc.;
- Direitos Autorais e Cessão de Imagem;
- Seguro de responsabilidade civil;
- Contador

1.1.2. Equipes Técnicas auxiliares à Curadoria Selecionada

- 1 assistente de curadoria por 10 meses
- 2 estagiários por 6 meses

2.5.1. Sinalização e Comunicação Visual da Exposição

- 10 Textos de parede;
- Impressão de folders e materiais de apoio;
- 90 Legendas
- Impressão de legendas acessíveis de obras selecionadas (braile)

1.1.3 Chamadas Abertas

- Pré-seleção por equipe curatorial (cocuradoria + equipe IAB)
- Seleção final por Juri popular (projetos artísticos)
- Juri - 2 convidados (projeto expográfico)
- Juri - 2 convidados (projeto comunicação)

2.5.2. Divulgação

- Banners
- Cartazes
- Convites
- Material p/ distribuição - público

1.1.4. Projeto Expográfico

- Projeto expográfico que contemple 2 espaços expositivos distintos

2.6.1. Abertura

Pensar em parcerias para abertura e contemplar projetos para venda de insumos (comida, bebida, etc.).
Exemplo: abertura na ocupação 9 de julho

1.1.5. Projeto de Comunicação Visual

- Elaboração da identidade visual da 13ª Bienal;
- Elaboração de manual de aplicação da marca;
- Projeto de comunicação visual para 2 espaços expositivos;
- Projeto de comunicação para 1 instalação
- Diagramação de peças gráficas para divulgação da 13ª Bienal (banners, cartazes, redes sociais, etc)

2.1.1. Espaço físico e necessidades estruturais prévias

- Cenografia (construção, transporte, pintura, montagem e desmontagem);
- Elétrica;
- Locação de equipamentos (iluminação, monitores, fones de ouvido, notebooks, projetores...)

3.1.1. Diagramação

- Diagramação e estudo de publicação digital e impressa com 150 páginas

2.1.2. Equipe técnica

- Equipe de montagem do espaço (painéis, pintura, acabamento)
- Equipe de montagem fina (obras, vitrines, aplicação de legendas)
- Instalação de sinalização e da comunicação visual;
- Projeto de iluminação / técnica de iluminação;
- Técnica de áudio/vídeo

3.1.2. Impressão

- Impressão de 1000 exemplares

2.1.3. Conteúdo

- Produção de obras selecionadas;
- Revisão (inglês e português) e tradução de textos;
- Produção editorial;
- Projeto de acessibilidade

3.2.1. Cobertura

- Cobertura em foto e vídeo dos eventos da 13ª Bienal;
- Registro fotográfico da exposição;
- Streaming das conferências e das palestras e debates;
- Vídeo-síntese.

2.1.4. Logística

- Transporte;
- Seguro;
- Bombeiro, segurança, manutenção do espaço, bilheteiro, recepcionista

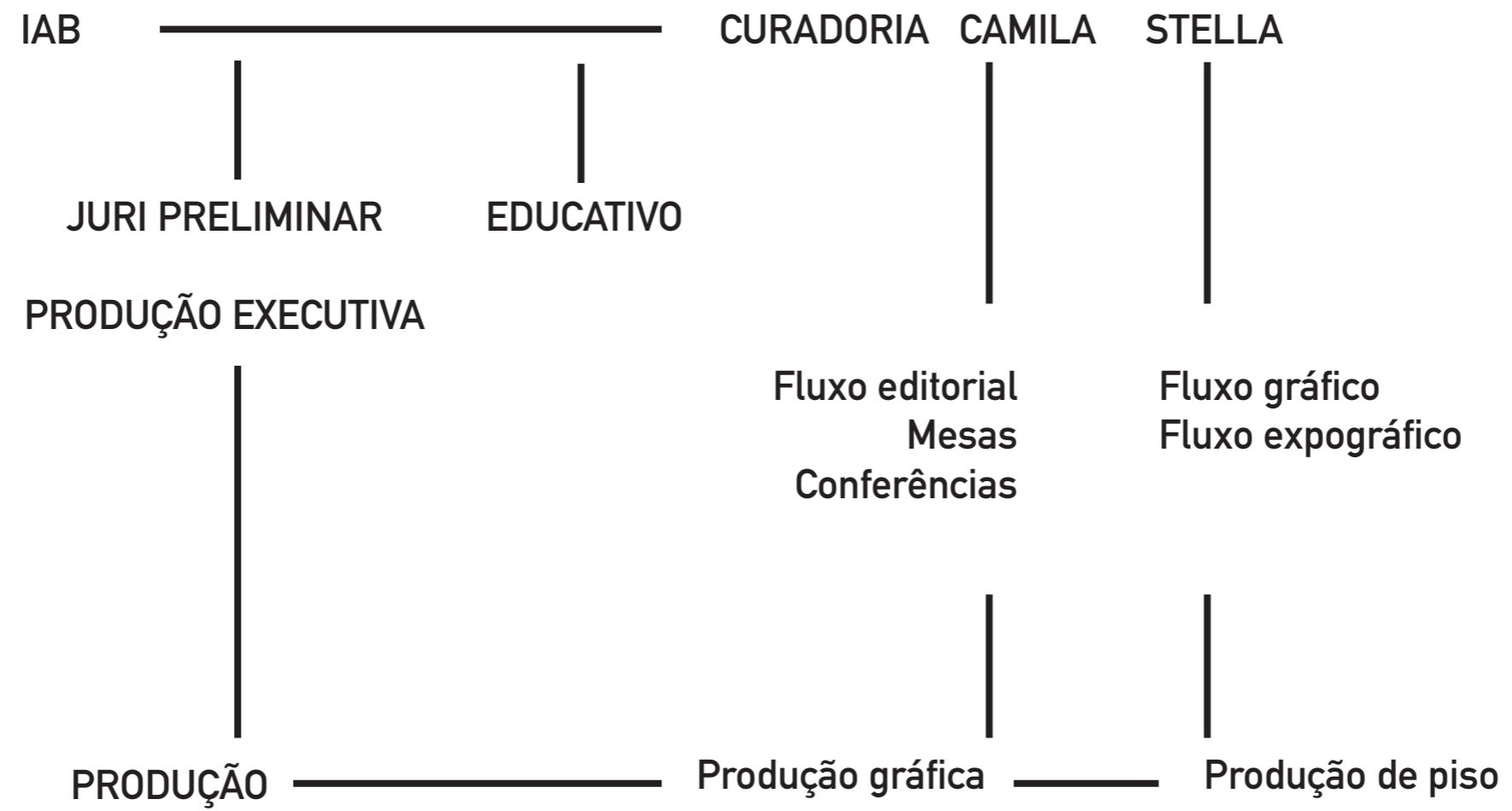
2.2.1. Convidados

- Cachê internacional (1 convidado)
- Cachê nacional (2 convidados)
- 2 passagens internacionais (ida e volta);
- 4 passagens nacionais
- 3 diárias de hospedagem/por convidado (2 convidados);
- Ajuda de custo;
- Seguro Viagem.

2.2.2. Logística

- Tradução simultânea (locação de equipamentos, cabines, recepcionistas, transcrição, gravação em vídeo e áudio)
- Tradução da Transcrição Palestras e Oficinas
- Equipe de apoio
- Locação de equipamentos (microfone de lapela, projetor, mobiliário, mesa de som)
- Interpretação em libras

FLUXOGRAMA 13ª BIA - COABITAR



MINI BIO

Camila Nader é historiadora, pesquisadora e produtora executiva. Formada pela Universidade de São Paulo, em 2014, é mestranda no programa de História da Arte e Estudos Visuais pelo IFCH-Unicamp. Trabalha desde 2010 na área da cultura, realizando assistência curatorial e pesquisa em projetos expográficos como Calder e Arte Brasileira (2016), SerEstar Sergio Rodrigues (2018), Gregori Warchavchik (2019), Franz Weissmann: o vazio da forma (2019), Rino Levi (2020), entre outros. Pesquisa a tridimensionalidade como linguagem na construção de narrativas traumáticas e os impactos das transformações da escultura e da arquitetura até a contemporaneidade.

MINI BIO

Stella Tennenbaum é formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em 2010. Desde 2009 trabalha na área cultural com cenografia e, principalmente, expografia. Trabalhou no Museu da Casa Brasileira e T+T Projetos. Entre 2015 e 2016 trabalhou nas Cerimônias Cariocas e, a partir deste ano, desenvolveu seus próprios projetos, além de parcerias com Daniela Thomas, Felipe Tassara, Estúdio Radiográfico, entre outros.

Participou de diversas exposições e eventos culturais, entre eles:

A Arquitetura de Lelé: fábrica e invenção – MCB 2010

Ordem e Progresso – MAM SP 2011

Arquitetura e convivência – Instituto Tomie Ohtake 2011

Roda Viva – TV Cultura 2011

Entretanto – O desvio é o alvo 2011

Em nome dos artistas – Bienal São Paulo 2011

O Colecionador – MAR 2012

Jorge Amado e Universal – Museu da Língua Portuguesa 2012

Feira do livro de Bogotá 2012

Rubem Braga – Museu da Língua Portuguesa 2013

Feira Internacional do Livro de Frankfurt – Homenagem ao Brasil 2013

X Bienal de Arquitetura – Cidade – modos de fazer X modos de usar 2013

Italian Glamour – Cidade das Artes 2014

A inusitada coleção de Sylvio Perlstein – MAM Rio e MASP 2014

Espaço Olavo Setúbal – Coleção Brasileira Itaú 2014

Museu da Imigração do Estado de São Paulo 2014

The Circle Walked Casually – Sammlung Deutsche Bank – Berlim / Museo de Arte Moderno de Buenos Aires 2014

Back 2 Black – RJ 2015

Tatuagens Urbanas – Museu Histórico Nacional RJ 2015

Picasso e a modernidade espanhola – CCBB RJ e SP 2015

Centenário de João Vilanova Artigas – nos pormenores um universo – Museu Oscar Niemeyer PA 2015

Cerimônia de Abertura Olimpíada Rio 2016

Contaminações – SESC Ipiranga 2017

Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro – previsto 2017

Ziraldo... de A a Zi - Sesc Interlagos 2018

Sérgio Rodrigues SerEstar - Itaú Cultural 2018

Contra-Ataque - as mulheres do futebol - Museu do Futebol 2019

Instalação sensorial “Por inteiro” - Sesc Paulista 2019

Pasquim 50 anos - Sesc Ipiranga 2019

Língua Solta - Museu da Língua Portuguesa 2021